

O ENSINO DA DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONCEPÇÕES DA PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA

RENATA DUARTE SIMÕES

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil

renasimoes@hotmail.com

JANAÍNA VARGAS NASCIMENTO

Centro Universitário Vila Velha - UVV, Vila Velha/ES, Brasil

janavargasnasc@hotmail.com

O estudo que ora se configura, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que apresenta como campo de discussão a produção teórica brasileira sobre a dança como conteúdo de ensino nas escolas. Nesse sentido, objetiva identificar e analisar as concepções e tendências investigativas que tem norteado os artigos, teses, dissertações, etc. que discutem a inserção da dança nas aulas de educação física.

Optamos por trabalhar com autores que compreendem o espaço escolar como lugar de produção de conhecimento e produção cultural, com diferentes necessidades e cuja prática educativa depende tanto dos professores como dos alunos (MOLINA, 2004).

Por muito tempo os professores de Educação Física estiveram ausentes das discussões pedagógicas, ficando a Educação Física limitada a preocupações com o corpo relativas ao fator biológico, como se o corpo fosse apenas um executor de exercícios (PORPINO, 2005).

Contudo, a Educação Física desde a década de 1980 enfrenta uma crise de paradigmas, que resultou em vários questionamentos, rompendo com o reducionismo e valorizando mais a investigação e a reflexão da cultura corporal (RIBEIRO, 2004).

Na perspectiva da cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1998).

Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. A materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela comunidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos nas escolas (COLETIVO DE AUTORES, 1998).

As aulas de Educação Física devem considerar as práticas corporais como produções da cultura. A dança não pode ser vista como uma mera atividade ou exercício físico capaz de melhorar o nível de aptidão, ela deve ser compreendida como uma forma de conhecimento que propicia novas formas de expressão, comunicação e linguagem entre os indivíduos através da gestualidade do corpo na cultura (PORPINO, 2005).

É possível relacionar Arte e Educação Física na escola através da dança, vivenciando o sensível e rompendo com os processos tradicionais de ensino, percebendo as linguagens artísticas e a cultura corporal como termos interligados (RIBEIRO, 2004).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Educação Física, lançados em 1997, contemplam a dança como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas, mostrando a sua importância na formação de indivíduos mais críticos e criativos para a sociedade.

A Dança/Educação contribui para a criação no aluno de uma consciência crítica relacionada ao ambiente e, através do seu corpo e de movimentos, poderá perceber melhor os elementos, as formas, as cores, os cheiros e estímulos sensoriais, assim como também, possibilita o estabelecimento de relações sócio-afetivas do ser com ele mesmo, com os outros

e com o meio em que se encontra. Dessa forma, a inserção da dança na escola encontra-se voltada para uma perspectiva de educação transformadora e renovadora (NANNI, 1995).

Contudo, na maioria das vezes a dança não é, no âmbito escolar, tratada por ter um conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica, sendo vista como atividade extracurricular (BRASILEIRO, 2005). Em contrapartida, em recentes processos de discussão, a dança vem sendo identificada como uma forma de conhecimento nos currículos, sendo necessário refletir sobre a posição que ocupa como conhecimento a ser estudado no ambiente escolar.

É visto que há um consenso entre diversos autores que vislumbram a dança como uma possibilidade de ensino na escola, que a compreendem como um meio de produção de conhecimento que trabalha o ser de forma integral. Contudo, eles apontam dificuldades de se trabalhar nas escolas esse conteúdo, entre outros como a ginástica, a dança, a capoeira; dificuldades intimamente relacionadas ao preconceito, à discriminação, à escassez de instrumentos, à falta de incentivo e ao despreparo dos professores de Educação Física.

Apesar dos preconceitos e da predominância da utilização dos esportes nas aulas de Educação Física, os autores apontam para a importância da realização de trabalhos com dança nas escolas.

A dança, por expressar sentimentos e possibilitar a conscientização corporal quando trabalhada no ambiente escolar, permite aos alunos o contato com um conhecimento corporal essencial. A dança pode constituir-se, tal como outras práticas corporais, numa estética que promove a ampliação da sensibilidade – como a capacidade de percepção do mundo, tornando capaz de vivenciá-lo, refleti-lo, e recriá-lo. Porém esse conhecimento é inacessível aos alunos de diversas escolas, já que os professores de Educação Física desconsideram muitas vezes a dança nas suas aulas.

Para o ensino da dança, é preciso considerar que o seu aspecto expressivo se confronta necessariamente com a formalidade da técnica para a sua execução, assim como é preciso considerar seu caráter dicotômico construído socialmente, onde o “erudito” se opõe ao “popular” (ABRÃO, et.al. 2006).

A dança na escola, geralmente, está associada a estilos que exigem uma técnica corporal com movimentos codificados, os quais requerem um ensino pautado em movimentos certos ou errados, dentro de um padrão técnico imposto pelo professor, como o balé clássico, o sapateado e outros (SCARPATO, 2001).

Entretanto, a perfeição técnica que se obtém por meio dos treinamentos, visando puramente o valor estético, não deve ser o viés norteador nas aulas de educação física, pois o puro valor estético como cerne na compreensão da arte pode impossibilitar o florescimento de novas manifestações na arte e na dança, sabendo que o belo também é uma construção social (ALDERSON, 2004).

Conduzidas somente pelos aspectos técnicos, as aulas de dança podem se tornar verdadeiras prisões dos sentidos, das idéias, dos prazeres, da percepção e das relações que o aluno pode traçar com o mundo. De fora para dentro, regras posturais baseadas na anatomia padrão, seqüências de exercícios preparadas para todas as turmas do mesmo modo, repertórios rígidos e impostos podem desconectar os alunos de suas próprias experiências e impondo tanto ideais de corpo (em forma e postura) quanto de comportamento em sociedade (MARQUES, 2007).

Para evitar que a técnica e o valor estético construídos socialmente se sobreponham a tudo mais, o professor deve fomentar junto aos alunos o debate sobre a maneira de apreender as obras de arte, a dança, procurando deslocar-se do significado tradicional e/ou elitista que determinada obra adquiriu, caso contrário, estará reforçando a tradição de adoração a obras e estéticas já estabelecidas de arte, dificultando e até rejeitando o surgimento de outras manifestações artísticas que não as já consagradas e nomeadas como artes maiores (ABRÃO, et.al. 2006).

A dança é reconhecida como uma atividade criadora que ganha vários sentidos – ritual, diversão, arte, socialização, terapia – e desta forma, cumpre papéis distintos que podem se revelar alienantes, libertadores, opressores, transgressores, etc. Os sentidos e os papéis assumidos pela dança constroem identidades e posturas de intervenção no mundo. Sendo assim, não é só o entendimento da dança como forma de conhecimento que define sua apropriação, ação e perpetuação, mas também e, principalmente, o trato dado a esse conhecimento (RIBEIRO, 2004).

Na educação física, o conteúdo de ensino, obviamente, é configurado pelas atividades corporais institucionalizadas. No entanto, a visão de historicidade sobre as práticas corporais tem um objetivo: a compreensão de que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória. Essa compreensão deve instigar o aluno a assimilar a postura de produtor de outras atividades corporais que, no decorrer da história, poderão ser institucionalizadas. A dança, sendo um produto social, possui um rico universo simbólico que difere de cultura para cultura. Tais diferenças devem ser consideradas, valorizadas e resignificadas no ensino (COLETIVO DE AUTORES, 1998).

O fazer/experienciar a dança, sem ficar atado à uma imagem determinada, pode possibilitar às pessoas uma maior sensibilidade, tanto na descoberta de outras danças, quanto na possibilidade de ampliação da expressividade.

A dança é uma forma simbólica de destaque e celebração do próprio ser humano e, por isto mesmo, relacionada com a sua história, ou melhor, com suas várias histórias. Ela é fruto dos desejos e necessidades humanas, fenômeno cultural estabelecido no/pelo tempo e espaço sociais. Assim, a dança tem caráter de conhecimento, é uma forma de se relacionar e conhecer o mundo, e então de se conhecer também (RIBEIRO, 2004).

Em se tratando de uma manifestação artística, o ensino da dança deve buscar fundamentos no próprio viver humano. Seu maior desafio é romper com a dicotomia entre a técnica e a expressão evitando atitudes que levem ao tecnicismo ou ao espontaneísmo. A Educação Física, muitas vezes, reduz a dança a treinamentos fechados de repertórios de movimento ou a pessoalismos aleatórios que não deixam claro a especificidade da mesma. Ou a dança se fecha muito e cai no tecnicismo ou se abre muito e cai no espontaneísmo, não sendo considerado todo o conhecimento referente à experiência dança. Ela é geralmente tratada como sentimento espontâneo, ou como habilidade física prodigiosa (BRASILEIRO, 2005).

Apesar do grande acúmulo de equívocos cometidos, a dança na Educação Física escolar pode e deve ser compreendida como criação cultural e portanto, como arte, experiência estética capaz de criar novos sentidos para aquele que vivencia o dançar e aprecia a dança de outros. Nesse contexto, Educação Física e Arte como componentes curriculares na escola podem gozar de frutíferos diálogos. Abre-se também aqui a necessidade da compreensão de variados universos culturais em que a dança se realiza fora do ambiente escolar, visto que a educação e a cultura não são exclusividade da educação sistematizada. Compreender a dança que se faz fora da escola é também necessário para que se vivencie a dança na escola de forma contextualizada e atenta à realidade dos alunos (PORPINO, 2005).

A dança tem uma função pedagógica específica na escola que se traduz na criação de movimentos criativos e de livre expressão. Uma das finalidades da dança na escola é permitir ao indivíduo evoluir em relação ao domínio de seu corpo, assim desenvolverá e aprimorará suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços, formas, superação de suas limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos (BARRETO 2002).

Na escola, a dança deve compreender aquele ensino que não visa necessariamente a objetivos artísticos, mas que se utiliza do potencial expressivo da arte para contribuir com a formação do ser humano e com a mudança de valores na Educação, no sentido de resgatar o sensível, o belo e o lúdico no fazer pedagógico e proporcionar o acesso a esse patrimônio milenar da cultura, através de conhecimento e de vivência (LIMA, 2001).

A improvisação possibilita que a concepção de que dança é imitação seja transformada, gradativamente, pela percepção de que a dança é um processo dinâmico de expressividade corporal permeada pelo EU que é criado no dançar (FRALEIGH; apud ABRÃO, et.al. 2006). A pessoa envolvida mergulha em suas íntimas e complexas relações com o mundo circundante. Rompe-se a busca pelo externo no movimento.

Permitir aflorar de si para o ato de dançar pode ampliar a própria concepção de coreografia, ou seja, considerando-a como algo construído, ultrapassando a simples forma e percebendo que ali na obra está já uma construção humana marcada pelo valor estético e social no qual mergulha um ser para realizá-la. Deixa-se para trás uma imagem de dança pautada em modelos externos e percebendo que, para realizá-la, precisamos nos permitir interagir com nossas mais íntimas sensações, perceber o mundo à nossa volta, emergindo desta profunda relação nosso dançar.

Por meio da improvisação, a experiência e a compreensão da dança são facilitadas, uma vez que a improvisação não prioriza modelos de movimentos, mas, sim, oferece meios nas tarefas e no jogo de movimento, lúdico e criativo, para o encontro das possibilidades de “cada corpo” para a dança (SARAIVA et. al. 2003).

A “[...] imaginação e a criatividade são, então, pontos fundamentais em um projeto de educação que tenha como objetivo, a formação de pessoas que não apenas aprendam os conhecimentos elaborados pela humanidade como verdades absolutas e imutáveis, porém que saibam refletir e que se sintam capazes de interferir sobre esses conhecimentos, reelaborando-os” (FIAMONCINI; SARAIVA, 1998, p. 98).

No mais, acionar a imaginação e a criatividade na dança também tem a função de recuperar um espaço lúdico em nossas vidas, visto como um potencial transformador. O lúdico é marginalizado na sociedade possivelmente por esse papel transformador. Cada participante tem experiências corporais anteriores que podem ser dimensionadas para a dança.

Pelo exposto, concluímos que, compreender a dança para além da técnica, por meio da improvisação e da livre expressão do aluno, representa ressignificá-la, ressignificar seus movimentos, modificando a sua imagem. Isso é possível porque a dança não está cristalizada, houve e há uma constante transformação nas produções humanas conforme a realidade em que se inserem. A improvisação possibilita alterações nas imagens de dança já adquiridas, permite que o aluno torne-se produtor e sujeito de ações transformadoras.

Nesse sentido, a improvisação e outros estímulos para dançar podem vir a proporcionar um amadurecimento do “aluno/bailarino/cidadão” caminhando para a autonomia nas suas relações no mundo.

Referências

- ABRÃO, Elisa; FIAMONCINI, Luciana; KRISCHKE, Ana Alonzo; SARAIVA, Maria do Carmo. Imagens e percepção da dança: da estética formal à expressão estética. In: SILVA, Ana Márcia Silva; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas corporais vol. 4: construindo outros Saberes em Educação Física**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2006.
- ALDERSON, Evan. Ballet as Ideology: Giselle, act 2 In: J. C. Desmond (Ed.). *Meaning in Motion*. **New Cultural Studies of Dance** (pp.121-32). London: Duke University Press, 1997.
- BARRETO, Débora. Dança...ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.
- BRASILEIRO, Livia Tenório. **Dança e Educação Física: saberes necessários à prática pedagógica da dança na escola**. II Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física. Arte e Educação Física: ação na escola – II. 23 a 25 de novembro de 2005, Natal/RN. Disponível em: <www.paideia.sedis.ufrn.br>. Acesso em: 10 de mai. 2008.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FIAMONCINI, L. ; SARAIVA, M. C. . Dança na Escola: a criação e a co-educação em pauta. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física* 1. 1 ed. Ijuí: Unijuí, 1998, v. 01, p. 95-120.

LIMA, L. J. A. **Improvisação: (re)vivendo os múltiplos espaços nas aulas de dança.** Monografia (Especialização em Dança). Universidade federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2001.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola.** Disponível em: <www.rc.unesp.br>. Acesso em: 03 de nov. 2007.

MEDEIROS, Mara. **Nova metodologia para a dança na Educação Física escolar, a partir da Teoria Histórico Cultural da Atividade.** II Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física. Arte e Educação Física: ação na escola – II. 23 a 25 de novembro de 2005 – Natal/RN. Disponível em: <www.paideia.sedis.ufrn.br>. Acesso em: 15 de abr. 2008.

MOLINA, R. K.; MOLINA NETO, V. Educação Física e Educação. O espaço pedagógico para localizar a Educação Física e os fundamentos que podem mantê-la na escola: reflexões sobre algumas possibilidades. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de (Org.). **Educação Física Escolar: Política, Investigação e Intervenção.** Vitória: LESEF, 2004, v. 02, p. 13-33.

NANNI, Dinonísia. **Dança Educação – Princípios, Métodos e Técnicas.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Interfaces entre Arte e Educação Física. Reflexões sobre o corpo e a dança no cenário educativo.** II Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física. Arte e Educação Física: ação na escola – II. 23 a 25 de novembro de 2005 – Natal/RN. Disponível em: <www.paideia.sedis.ufrn.br>. Acesso em: 28 de abr. 2008.

RIBEIRO, Luciana Gomes. **Dança e Educação Física: Diálogos (in) possíveis.** II Encontro Nacional de Ensino de Artes e Educação Física. Linguagens artísticas e práticas corporais na educação. 10 a 12 de dezembro de 2004 – Natal/RN. Disponível em: <www.paideia.sedis.ufrn.br>. Acesso em: 20 de mar. 2008.

SARAIVA-KUNZ, M. C. **Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediadas pela Educação Estética.** Tese de Doutorado. Lisboa: FMH/UTL, 2003.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança Educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 53, abril/2001. p. 57-68.

Endereço:

Renata Duarte Simões
Rua dos Comerciantes, 155
IBES, Vila Velha- Espírito Santo, Brasil
CEP: 29108490
Tel: (27) 32895047
e-mail: renasimoes@hotmail.com